



# Criar e manter viva a comunidade



Brasil, 1991

Quem fez nascer o Movimento [...], como sabemos, foi o Espírito Santo, que agiu de uma certa maneira. Ele fez com que as primeiras focolarinas tomassem em grande consideração, ou melhor, pusessem unicamente em relevo o Evangelho. Ele iluminou as palavras do Evangelho e estimulou-as a vivê-las.

Qual foi o efeito? Sabemos que foi impensável e maravilhoso: devido à Palavra vivida radicalmente, mediante a Palavra levada a sério, nasceu uma comunidade, que bem depressa se tornou numerosa e se difundiu em mais de cem localidades da região Trentina. Era o Movimento dos Focolares. Pessoas que antes se ignoravam, tornaram-se uma família. Cristãos que antes eram indiferentes uns aos outros, fundiram-se em "um".

Portanto, a Palavra de Deus realiza este milagre, pode realizar este milagre: dar origem a uma comunidade visível.

E interrogamo-nos: hoje em dia, também nós vivemos a Palavra, mas será que ela ainda produz os mesmos efeitos? Distribuímos a Palavra de Vida aos membros do Movimento e a várias pessoas no mundo inteiro, em todas as línguas, e convidamo-las a vivê-la. Mas temos mesmo a certeza que, por toda a parte, tem como consequência, tal como nos primeiros tempos, fazer nascer uma comunidade viva de pessoas?

Vivemos a Palavra de Deus com uma tal radicalidade de modo que ela destrua o nosso eu, anule o nosso egoísmo, nos pregue com Cristo na cruz, a fim de que já não sejamos nós que vivemos, mas é a Palavra - que é Ele - que vive em nós? E é ela - que é a única capaz de o fazer - que edifica ao nosso redor a comunidade? Ou a Palavra serve, em geral e quase exclusivamente, como uma espécie de bálsamo para as nossas almas, para as consolar, encorajar, justificar a nossa consciência, fechando-nos assim numa mísera e frouxa espiritualidade individual, que nem sequer chega a sê-lo? Sabemos, realmente, que há espiritualidades individuais complexas, ricas: além da atenção que dão à Palavra de Deus, conhecem as penitências, as longas orações, os jejuns, as vigílias, etc.

E nós contentamo-nos talvez só com aquela camadinha de verniz espiritual - que nos pode dar a meditação ou a lembrança da Palavra - e estamos convencidos que, fazendo assim, já fizemos tudo?

Por isso nasceu em nós o desejo de voltar aos primeiros tempos...

Eram tempos em que - alguém pode objetar - além da vivência da Palavra de Vida, outros elementos também contribuíram para a formação de uma comunidade, como a contínua comunicação das experiências da Palavra, que deve ser feita ainda hoje.

Havia a possibilidade de nos alimentarmos constantemente da luz do novo carisma, que não iluminava apenas a Palavra de Deus, mas nos fazia ver mais longe, para o nosso futuro, por exemplo, fazendo-nos perceber com convicção o objetivo pelo qual tínhamos nascido: "que todos sejam um", e sugerindo-nos a chave para o atuar: Jesus abandonado. Depois víamos raparigas e rapazes que Deus chamava a consagrarem-se totalmente a Ele, constituindo um exemplo de minúsculas comunidades, onde a vivência da Palavra era tudo. O próprio ambiente circunstante, com os horrores da guerra, frisava o ideal que abraçavam. Os inúmeros necessitados (mutilados, órfãos, doentes, famintos, sem casa ou roupas) impeliam-nos a viverem as Palavras, sobretudo as que se referiam ao amor.

Todavia, são coisas que também hoje não faltam: muito pelo contrário! Temos uma Obra maravilhosa e podemos tirar dos cofres dos seus arquivos luz e mais luz. Temos os maravilhosos Estatutos e Regulamentos aprovados pela Igreja, que são como uma bússola sempre pronta para nos indicar como devemos viver e por qual objetivo. Vemos, graças a Deus, um contínuo desabrochar de vocações totalitárias na Obra. Temos o mundo totalmente aberto diante dos nossos olhos e ainda mais no nosso coração (pois, através dos meios de comunicação, ele entra nas nossas casas), que grita os sofrimentos provocados pelas guerras, pelas catástrofes naturais, pelas mais diversificadas calamidades, a que nos podemos dedicar com o mesmo entusias-

mo com que, nos primeiros tempos, amávamos as pessoas mais provadas... Temos tudo. Não nos falta nada. E é com a Palavra vivida e com todos estas graças que também hoje podemos fazer nascer, continuamente e em qualquer lugar do mundo, novas comunidades, para o bem da Igreja e da humanidade, para a alegria de Maria e a glória de Deus, como fruto da Palavra.

Deus quer os frutos, os efeitos. É por isso que o grão de trigo morre, para dar fruto. Por isso a Palavra deve fazer morrer o nosso eu, o nosso modo de pensar, de amar, de querer, para adquirirmos os de Cristo, o qual sabe como criar uma comunidade.

Claro que, no nosso Movimento, há os que vivem mais internamente e por isso têm menos contacto com o mundo exterior.

Para eles, criar a comunidade com a Palavra, significa sobretudo "manter viva", continuamente, aquela porção do Movimento onde vivem, aumentando a temperatura do termómetro da caridade, garantindo sempre a presença de Jesus por toda a parte, submetendo-se a todos, colocando-se ao serviço de todos, para os elevar mais até Deus.

Mas, a maioria, está em contacto com pessoas de todo o tipo. Para eles, criar a comunidade é aproveitar todas as ocasiões (telefonemas, encontros, a correspondência, os atos de amor concretos, os congressos, etc.) para travar conhecimentos, criar amizades, "cultivar" os corações...

Só assim é que somos nós mesmos, e o Movimento é aquilo que deve ser. Só assim é que a nossa espiritualidade é como o Espírito quer: vivida em grupo, uma espiritualidade comunitária, coletiva.[...]

*Chiara*

Da Conferência telefónica, Rocca di Papa, 27 de dezembro de 1990, publicado em *Santi insieme*, Città Nuova, Roma, fevereiro de 1995



## Testemunhar juntos

# Com o mundo nos braços

**Realizou-se, em Castel Gandolfo, o primeiro encontro de responsáveis das comunidades locais, com representantes de várias partes do mundo**

O impacto era notável desde o primeiro momento em que se entrava na sala: os rostos, os trajes e as tonalidades da pele, por si só, revelavam que se estava diante de uma representação mundial. Estamos no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, no tão esperado encontro dos responsáveis das comunidades locais (29 de maio a 1 de junho), o primeiro na história da Obra. Os participantes são um pouco mais de 300 pessoas, das vocações mais diferentes. É um grupo pequeno, porque se quis dar ao encontro o carácter de um laboratório. As apresentações confirmam a sensação inicial. Ouvem-se citar os nomes dos países presentes, desde Nepal à Malásia, da Nigéria ao Congo, da Síria ao Egito, de Cuba aos Estados Unidos, da Albânia à Alemanha, e da Itália. Nações de que ouvimos, através dos telejornais, notícias trágicas de conflitos, perseguições, guerras civis e pobreza, assumem o rosto de pessoas empenhadas na construção de um mundo diferente, que vivem para atuar a oração de Jesus ao Pai, «Que todos sejam um». E imediatamente vem à memória aquilo que Chiara definiu, a um certo ponto, como o seu

«último desejo»: que a Obra de Maria pudessem repetir, citando o teólogo belga Jacques Leclercq: «...no teu dia, meu Deus, eu irei ao teu encontro... irei ter contigo, meu Deus [...] e com o meu sonho mais louco: levar-te o mundo nos braços». Sim, são estas as pessoas que levam nos seus braços o próprio pedaço de mundo, a sua comunidade local, com o olhar voltado para o «*Ut omnes*».

O serviço pedido aos responsáveis é difícil, neste momento da Obra em evolução, onde a realidade das comunidades assumem cada vez mais uma fisionomia específica própria. De facto, por um lado, o próprio Movimento nasceu numa comunidade, aquela de Trento, e antes, o mesmo aconteceu na vida da Igreja dos primeiros tempos. Por outro lado, não se pode negar que, nos seus setenta anos de vida, a Obra teve um percurso onde a vida das comunidades passou por fases diferentes. Por isso, o programa do congresso previa, no primeiro dia, um «regresso às origens», com a atenção dirigida para Trento, onde era natural anunciar a descoberta do amor de Deus,

encontrar-se para partilhar os frutos da vida do Evangelho, atuar entre todos uma verdadeira comunhão dos bens, alimentar aquele espírito de família que envolvia pessoas de todas as idades e classes sociais.

Nos quatro dias de encontro foram contadas muitas experiências. A variedade é visível: há comunidades recém-nascidas, com um entusiasmo «contagante», outras mais históricas em busca de novas dinâmicas; algumas têm muita vitalidade, enquanto outras têm uma certa dificuldade em avançar. Tudo é capital precioso, que pertence à comunidade mundial de uma Obra que não tem fronteiras, onde cada um dá o próprio contributo, com sucessos e dificuldades, entusiasmos, desacelerações e pausas.

Falávamos do carácter de laboratório do encontro. E, de facto, trabalhou-se muito. Divididos em 25 grupos, com um moderador e um secretário, refletiu-se sobre as dinâmicas das comunidades locais e sobre o papel dos responsáveis destas comunidades. São momentos de trabalho, com a característica da comunhão para responder - mesmo não escondendo os desafios, as dificuldades e os pontos a serem melhorados - ao plano de Deus sobre a Obra hoje. É impossível expressar em poucas palavras o resultado desta comunhão. Fica evidente como a quotidianidade dos relacionamentos, a colaboração com outros Movimentos e Associações, o ser «antenas» que captam as necessidades do território, a abertura aos novos, estão no ADN das comunidades. É claro que estamos a caminho, mas a Emmaus e o Giancarlo, no último dia do congresso, convidaram toda a Obra a dar os passos

necessários para realizar um projeto que se manifesta com toda a sua beleza e potência.

Não faltaram as perguntas. Costanza Tan e Jorge Lionello Esteban, delegados no centro para o aspeto 'Testemunho e irradiação', receberam páginas e páginas e, nos três momentos previstos no programa, ofereceram respostas que iluminaram os pontos onde as sombras poderiam parecer mais densas. Pergunta-se, por exemplo, como encontrar espaço para a vida das comunidades, quando o calendário do Movimento, num determinado território, já está cheio de compromissos das várias ramificações da Obra. Neste caso - sugerem - é preciso uma nova forma de pensar que, já na fase de programação, tenha em consideração este aspeto e envolva os responsáveis das comunidades, juntamente com os conselhos de Zona e de região.

Um outro ponto, muito ligado a isto é que, nas zonas mais antigas, a vida dos ramos desenvolveu-se muito e consolidou-se, assumindo uma fisionomia bem definida. Como fazer para que isso seja uma riqueza e não um obstáculo para a vida das comunidades? «Cada ramo é um instrumento para o "Ut omnes". Contudo, a vida da Obra não se manifesta num encontro de núcleo, de focolar, de unidade gen, mas numa comunidade», sublinham a Costanza e o Lionello.

Como envolver os jovens nas comunidades locais? «Não os deixem sozinhos. É preciso confiar, arriscar com eles, fazer as coisas juntos, colocar-se ao mesmo nível deles, fazer uma ação que lhes interesse, dar-lhes



# Uma família que mostra a unidade



Congo

É o último dia do congresso. Juntamente com a alegria pelos resultados dos dias precedentes, paira entre os presentes a fatídica pergunta: «E agora? Como vai ser quando voltarmos para as nossas zonas?». A Emmaus e o Giancarlo, que nos dias do congresso acompanharam muito de perto o desenvolvimento dos trabalhos, conhecem a importante interrogação. Todos acreditam muito na possibilidade de que a transmissão direta em *streaming*, da intervenção deles poderá contribuir para uma tomada de consciência de toda a Obra. O Giancarlo exorta exprimindo um

a possibilidade de partilhar a vida».

E ainda outras sugestões: trabalhar em equipa, alternar-se nas tarefas, valorizar todos, cuidar dos relacionamentos, usar a inteligência do amor, porque não existe uma receita válida para todas as comunidades. Agradou muito uma ideia referida, em particular aos responsáveis, mas não apenas a eles, de ser «pontes»: entre as pessoas da comunidade, entre a comunidade e o focolar, com quem não faz parte da comunidade.

**O discurso da Emmaus e do Giancarlo, em *streaming*, encerra o encontro. Transcrevemos alguns trechos**

desejo: «Nós pensamos que agora haja muitos responsáveis do Movimento no mundo, a ouvirem-nos, e também muitos membros de vários conselhos zonais. É a eles que queremos confiar esta experiência, sabendo que foi uma experiência de todas as vocações da Obra».

A Emmaus reflete sobre a importância do responsável, como um serviço necessário para a vida das comunidades e acrescenta, enfatizando: «Prefiro usar a expressão “responsáveis das comunidades locais” e não responsáveis locais, porque vocês não são responsáveis de um lugar, são responsáveis de um grupo que é uma comunidade». Depois, lembra que as comunidades locais vieram em particular evidência por volta do ano 2000, quando Chiara, revendo os Estatutos Gerais da Obra, introduziu novidades importantes em relação ao artigo que se refere a estas e que está inserido na parte referente aos aspetos da vida e não na parte das estruturas da Obra. Nos Estatutos, a comunidade local é definida como o conjunto das «pessoas do Movimento que vivem num determinado território» que se caracteriza principalmente por ser uma família que testemunha a unidade.

No fundo é também o «testamento» de Chiara, que, antes de partir, tinha recomendado a toda a Obra de «*ser sempre família*». Este conceito foi retomado pela Emmaus numa das suas primeiras cartas, escrita como Presidente, e dirigida precisamente às comunidades locais. Ali, referindo-se ao City-fest, sublinhou que as comunidades poderiam mostrar o fruto do Ideal

vivido nas suas cidades. É nas comunidades que cada um pode ser «*um tesouro precioso*»: «*Os adolescentes e os jovens, que com coragem já começaram a colorir a cidade, orientando-a para o mundo unido. As crianças, alegres e espontâneas, prontas a criarem relacionamentos de Jesus a Jesus*». «*As paróquias: comunidades já em ação, enraizadas no território. Os religiosos e as religiosas, com a riqueza dos seus carismas, mestres em amar Jesus nos últimos. Os voluntários, que através de Humanidade Nova e das Inundações, nos irão apoiar com a sua competência e profissionalismo. Os focolares serão, nesta família, os guardiães da chama*».

A Emmaus salienta que, nestes anos, aquela descrição feita na carta tomou consistência e as comunidades locais presentes em Castel Gandolfo, através dos seus responsáveis, são «*a dádiva que Jesus dá a mim e também ao Giancarlo e portanto à Obra, na conclusão destes seis anos*».

Vendo sob o prisma de «*um tesouro precioso*» será mais fácil captar a riqueza que cada membro oferece à vida da comunidade, «*cada um deve louvar o positivo dos outros*»: vocações que vivem na dimensão da reciprocidade e não olham para si mesmas, mas, juntas, olham para o «*Ut omnes*».

A Emmaus cita a carta de um focola-

rino da Europa, que dá um esclarecimento importante sobre o relacionamento da comunidade com o focolar: «*Lembrei-me – escreve o focolarino – de uma passagem de Dante na Divina Comédia quando, falando de Maria, Dante chama-a “Virgem mãe, filha do teu filho”*». Sinto que é precisamente assim: somos Maria que gera, mas depois tornamo-nos filhos do nosso filho – o nosso filho, que é a comunidade – pelo contributo de amor que damos reciprocamente. Portanto, focar as comunidades não é simplesmente uma escolha estratégica ou um ato de democratização da Obra, mas, na minha opinião, a essência mais profunda da nossa vocação de focolarinos e focolarinas: aquela de ser mães e pais e também filhos e filhas da Trindade».

E depois de algumas notas pessoais, o focolarino conclui: «*As comunidades locais, parece-me, são o lugar onde as vocações se formam e se salvam, como no ventre de Maria se formou Jesus*».

No encontro de Castel Gandolfo fez-se uma experiência disto e, portanto, não se podia partir sem «*o desejo – como afirma o Giancarlo – de que se possa repetir esta experiência na Zona, para se viver esta mesma graça*».

*Ao cuidado de Aurora Nicosia*



Roménia



Filipinas

# Rumo à Assembleia

# A Obra é de todos

**Um caminho de participação com o método de Jesus no meio.  
O balanço da Comissão preparatória.**

«O vosso trabalho tem este objetivo: demonstrar à Obra que avançamos juntos, que todos são envolvidos, que cada um pode dar a sua opinião, que se pode exprimir um pensamento livremente, sem se preocupar. Claro, sempre naquele clima de confiança recíproca, que nos deve caracterizar, porque senão...».

Estas palavras, que cada um de nós poderia sentir como dirigidas a si, foram pronunciadas pela Emmaus no dia 5 de outubro do ano passado, durante o primeiro encontro com a Comissão preparatória para a Assembleia, composta por cinco homens e cinco mulheres, em representação de todos os continentes, e de outras oito pessoas, representantes do Centro da Obra, além dos dois secretários. Naquela ocasião, a presidente sublinhou: «Vocês são o testemunho de que a Obra não tem segredos, que a

Obra é de todos, que a Obra está disponível para quem a quiser conhecer profundamente, tal como é, porque a colocamos nas vossas mãos».

Durante o encontro, foram focalizados vários aspetos do percurso até ao encontro do próximo mês de setembro. A um certo ponto, Patience, voluntária da República dos Camarões, perguntou à Emmaus porque é que nasceu a Comissão preparatória.

«Nós reunimos as sugestões de muitas pessoas que, após a Assembleia precedente, diziam: "Seria útil fazer isto, seria útil fazer mais isto", respondeu. "Não saberia dizer quem foi que sugeriu a criação de uma Comissão preparatória, talvez tenha sido mais do que uma pessoa», e acrescentou que é uma expressão do caminho de comunhão da Obra. À Assembleia, diz, «é preciso chegar-se com uma maior consciência, com um protagonis-



*mo mais difundido. E cada vez mais, também com todos da Obra, não apenas com os focolarinos e as focolarinas, porque a Obra cresceu».*

Nós seguimos o trabalho da CPA nestes meses também através das páginas e do site do nosso Noticiário. Agora este trabalho chegou à conclusão e, de acordo com o regulamento, um grupo de pessoas do Centro da Obra levará os resultados à Assembleia. No entanto, juntamente com o trabalho realizado, os membros da CPA entregam à Obra uma experiência muito significativa, como fruto daquele “mandato” inicial da Emmaus.

Da experiência feita emergem alguns pontos mais evidentes:

- a alegria de se sentir interpelados e envolvidos sem distinção de idade, de vocação, de denominação cristã, de credo religioso;
- ter feito a experiência de uma escuta profunda, juntamente com a capacidade de partilhar juntos também os aspectos mais dolorosos;
- a capacidade de experimentar novos métodos de participação.

Assim, alguns membros da CPA contam a experiência vivida.

Johannes, focolarino da Áustria, comentou: «Esta participação capilar, difundida, para a participação na Assembleia parece-me uma coisa histórica. Membros de outras igrejas ou pessoas sem uma fé religiosa que participaram neste processo, sentiram-se seriamente tomados em consideração. Devo precisar que não é um ato de democratização do Movimento dos Focolares, mas uma atuação daquilo que é o espírito mais profundo deste Movimento, o “assim na Terra como no Céu”. Daí nasce a grande expectativa, a surpresa, a alegria até à comoção, por exemplo, nos países de língua alemã, em ver que procuramos perceber juntos, à luz do Espírito Santo, e olhando para as necessidades, qual deveria ser o contributo específico do Movimento dos Focolares, hoje, na Igreja e

na sociedade. Como um coro muito diversificado, do mundo inteiro surgem tendências que, como vários rios, levam a uma única direção. Por exemplo, no facto que não podemos ser nós mesmos se não nos voltarmos para fora. Um aspeto que me impressionou muito foi o desejo, expresso de muitas partes do mundo, de que as iniciativas do Movimento devem ser mais orientadas, para serem feitas por todos juntos, crianças, jovens e adultos».

Para o padre Egidio, franciscano conventual da Itália «o “método” de Jesus no meio nesta comissão, constitui um pequeno modelo daquilo que a Assembleia vai ser. Tendo a experiência de outros capítulos, assembleias, sínodos eclesiais, religiosos, posso dizer que o “método de Jesus no meio” é um método original e novo, novíssimo, na Igreja e também na sociedade».

Pablo, voluntário da Argentina, fez um convite forte a todos os participantes na Assembleia: «Vindo de longe, no início não estava muito seguro de que haveria um acolhimento total das diferentes sensibilidades. Pelo contrário, posso dizer que realmente houve. Talvez, agora que concluímos a fase de recolha e de sistematização das propostas, o desafio é este: que este trabalho de envolvimento continue até à Assembleia. Isto é, que nestes dois, três meses que faltam, os participantes na Assembleia possam ter um tempo de trabalho antes de virem, para não chegarem como se se tratasse de um encontro onde vimos só para ouvir. Porque, se não, estraga-se o trabalho feito até agora. Não tanto o nosso trabalho, mas o trabalho de todos, no mundo inteiro. Por exemplo, das 3050 propostas que chegaram, nós conseguimos fazer 12 folhas de síntese, mas para compreender com a alma estas 12 folhas precisamos do Espírito Santo. E, para que exista esta ação do Espírito Santo, é preciso “trabalhar”».

*Ao cuidado de Aurora Nicosia*

Mais notícias em  
[www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)

Aniversários

# A Eletto

## O obrigado dos jovens

No dia 21 de junho, em Loppiano, recordou-se a morte de Eletto (Vincenzo Folonari), ocorrida em 1964.

Uma figura importante para o Movimento gen, a que deu o primeiro impulso

Em Loppiano, a 21 de junho, festejámos a vida de Eletto (Vincenzo Folonari). Fizemo-lo através de danças, canções, testemunhos, com os jovens de então e de hoje, os seus familiares e muitos que foram tocados pela sua vida.

Queríamos agradecer àquele a quem devemos tanto, como Chiara mesma disse várias vezes. Foi a ele, de facto, que devemos, em parte, o nascimento das Cidades: Eletto tinha herdado o terreno de Loppiano, juntamente com as suas irmãs, e ofereceu-o ao Movimento dos Focolares, impulsionado pelo desejo evangélico de colocar os bens em comum. Mas, sobretudo, devemos-lhe o nas-



cimento do Movimento juvenil. Entre os muitos dotes que Eletto possuía, tinha um realmente especial: sabia criar um entendimento muito especial com os adolescentes.

«Imagina se este ideal da unidade - dizia ele muitas vezes -, fosse vivido por todos os adolescentes, pelos jovens... o que poderia surgir?»

Os factos deram-lhe razão. À notícia da sua morte, ocorrida tragicamente no lago de Bracciano, Chiara disse: «*Esperamos que sobre esta dor nasça qualquer coisa para eles*». E assim foi.

As palavras de Carla Sitzia, uma gen de 18 anos, expressaram muito bem aquilo que todos tinham no coração: «Obrigado, Eletto, pela tua generosidade de alma, sem a qual com certeza agora não estaríamos em Loppiano. Obrigado por teres dedicado tempo às crianças e aos jovens: muito provavelmente eu agora não seria uma gen. Eletto, não te sentimos longe, não obstante tenhas partido para o céu já há 50 anos [...] Obrigado, meu irmão. Obrigado nosso irmão».

A Emmaus enviou uma mensagem em que dizia: «*Quantos frutos pela vida dele! Aqueles que o conheceram captaram a transparência da sua alma, que transmitia de modo genuíno o Ideal que o tinha fascinado: o carisma da unidade. E, como sucede com os santos, foi com a sua partida para o*



*Céu que se notou ainda mais a autenticidade da sua vida, concluída com um acto de amor heróico. Confiemos-lhe esta nossa Cidadela e em particular todos os nossos jovens espalhados no mundo inteiro».*

*Os centros gen2*

## Uma escola de vida

**A escola gen2 em Loppiano já faz 30 anos. Desde que Chiara deu o sinal de partida, com o convite a ter «um só Mestre», até hoje, a escola viu passar cerca de 1330 jovens de todo o mundo**

No passado dia 31 de maio, a escola gen de Loppiano «S.João Batista, o contestador» fez 30 anos. Fundada em 1984, por Chiara, que convidava os gen a terem um só Mestre, «Jesus», foi espaço de uma vida comunitária intensa. Por aqui passaram cerca de 1330 jovens de todos os continentes, de Igrejas diferentes



e também de outras Religiões. «Foi uma experiência para conseguir ir em profundidade comigo mesmo, no meu relacionamento com os outros e com Deus»; «ajudou-me a perceber a vontade de Deus, a minha vocação»; «lá aprendi a amar, a ser gerador de unidade»; «um lugar onde construí verdadeiros relacionamentos»; «ajudou-me a perceber que encontrar Deus é

fazer um mundo unido, é ir para além das barreiras, para além de mim mesmo»; «descobri Deus na minha vida quotidiana e percebi que é com o amor recíproco que podemos progredir»; «um renascer na vida». Estas são só algumas das imensas mensagens recebidas durante a comemoração do aniversário, vivida em vários momentos na Cidadela (desde a recitação do terço, à Missa do 30º aniversário e à festa): um grande agradecimento a



Deus - que foi quem inspirou Chiara a dar o sinal de partida para esta experiência - a todos os focolarinos e focolarinas que deram o próprio contributo e a todos os gen que a viveram.

Um trabalho muito bonito que os gen que constituem a escola, atualmente, foi a exposição «Escola gen: viagem ao longo do tempo», onde, através de fotos, de vídeos, estatísticas, se percorreu a história da escola, nestes 30 anos. O Skype feito com a Emmaus foi um momento forte para os gen da escola, de relacionamento pessoal, durante o qual ela pôs em relevo o significado do ser «contestadores hoje», do viver a palavra de vida da Escola Gen, dada por Chiara: «Quem não está comigo, está contra mim».

Desejamos que, cada vez mais, a escola gen possa estar ao serviço da Obra em todo o mundo, contribuindo para a formação de jovens que querem viver pelo «*Ut omnes*»

*Junior Mendonca*

# Jovens Religiosos

## Paixão no presente, esperança no futuro

Um ano rico de iniciativas nas várias nações, que envolveu a Obra local.  
Prevêm-se muitos desenvolvimentos



Nos anos 70 e 80 vimos o florescimento dos GenRe. Em alguns encontros históricos, Chiara definiu a sua fisionomia e deu-lhes um impulso. Depois, houve uma estagnação: os números diminuíram drasticamente, dando a impressão de um futuro incerto para o ramo dos religiosos em geral.

Nos últimos cinco anos pusemo-nos a refletir juntos e a procurar pistas de solução, envolvendo todos os religiosos responsáveis no Centro e nas Zonas do mundo. Chegou-se à conclusão que seria bom dedicar o ano de 2014 aos jovens religiosos, com encontros nas Zonas (ou grupos de Zonas) dos continentes, não fazendo só um encontro, mas vários momentos, a organizar com liberdade e segundo as diversas situações geográficas, culturais e de presença local dos jovens religiosos. Mais tarde, também as religiosas aderiram à iniciativa.

É importante sublinhar alguns pontos fundamentais comuns. Em primeiro lugar, o empenho da Obra inteira das várias Zonas, que assumiu estes momentos, tanto no plano

da unidade como da organização concreta. Em segundo lugar, o envolvimento dos próprios jovens religiosos, que demonstraram uma grande maturidade e responsabilidade na preparação e gestão dos encontros. Em terceiro lugar, a unidade entre a primeira e segunda geração dos religiosos, com o encontro entre a experiência dos primeiros e o entusiasmo e criatividade dos segundos. E por fim, como já foi dito, a colaboração dos religiosos e das religiosas, que assinalou um passo em frente na unidade entre estas duas realidades.

Vejam os vários encontros até agora realizados.

Em **Itália**, de 23 a 26 de abril, vieram a **Loppiano** mais de 100 jovens consagrados e consagradas, provenientes de 36 nações e pertencentes a 56 famílias religiosas. O título do encontro era significativo: «Sim! Escolhemos o Evangelho!». De facto não foi um encon-



Loppiano



tro de estudo, mas de convivência, em que se deu prioridade à vida vivida, às experiências concretas sobre o Evangelho, à partilha. Neste contexto, teve uma incidência muito especial a realização de contacto na Cidadela, com a possibilidade de encontro com os habitantes, com o Instituto Universitário Sophia, com a sua nova metodologia de estudo baseada sobre a unidade. O momento mais alto verificou-se na última manhã, com o card. João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Mais de duas horas de reflexão e colóquio espontâneo com os presentes. Eis alguns dos seus pensamentos: «*Não basta já seguir Jesus sozinhos: temos necessidade de seguir Jesus juntos. [...] Quem não vive a vida comunitária não segue Jesus, segue-se a si mesmo*». E aprofundando mais, afirmou: «*Diante das dificuldades, não nos devemos agitar, mas aprender com Jesus crucificado. Se não compreendermos o seu grito de abandono, nunca vamos chegar a amar-nos verdadeiramente*».

O pe. Piero Trabucco, missionário da Consolata, religioso de Roma, realizou uma viagem à **Ásia**, passando por alguns Países, entre os quais **Taiwan**. Aqui, a 27 de abril, na Curia de Taipé e a 30 de abril na Faculdade São Roberto Bellarmino, realizaram-se dois encontros com a participação de cerca de cem religiosos e religiosas, com uma grande percentagem de jovens.

A 3 de maio foi a vez da **Indonésia**: em **Jacarta** reuniram-se 80 religiosos e religiosas de 18 congregações, sob o tema do amor re-

cíproco no contexto da vida consagrada, feito pelo pe. Trabucco. No dia seguinte, um grupo numeroso pôde continuar a experiência nos focos masculino e feminino.

Uma jovem postulante testemunhou: «*Espero que este encontro dê um contributo, a fim de que, entre as várias congregações de vida consagrada, demos início a uma ligação de fraternidade, que atraia outros e que nos faça amadurecer*».

A 20 de maio em **Manila**, nas **Filipinas**, encontraram-se 20 jovens religiosos de quatro comunidades e decidiram encontrar-se mensalmente, convidando outros jovens religiosos.

Por fim, a 22 de maio na Universidade Pontifícia João Paulo II de **Cracóvia**, na **Polónia**, realizou-se o Simpósio: «*Os jovens escolhem o Evangelho como regra de vida. A vida consagrada depois do Concílio Vaticano II*». Estavam presentes 150 pessoas consagradas e muitas expressaram o desejo de permanecer em contacto com os nossos religiosos. Diziam que nunca tinham encontrado um Simpósio tão interessante, que não era teórico, mas tinha tocado o coração e o pensamento.

Em **África** está-se a preparar um encontro na Mariápolis Piero, em Nairobi no **Quénia** em Kinshasa na **República Democrática do Congo**. No início de setembro é a vez do **Brasil** com um meeting na Mariápolis Ginetta, próximo de São Paulo. A **Espanha** conclui em novembro a cadeia de encontros das novas gerações da vida consagrada, que realizam o desejo do card. de Aviz: «*Viver o passado com gratidão, o futuro com esperança, e o presente com paixão*».

O Centro dos religiosos

Focolarinos e focolarinas  
de várias Igrejas, no Centro

# Uma nova sementeira

**Um laboratório de aperfeiçoamento para  
se crescer na unidade, que beneficiou  
toda a Obra**

Em meados de junho, percorrendo os corredores do Centro da Obra, em Rocca di Papa, tinha-se a feliz surpresa de encontrar diante de nós focolarinos e focolarinas de várias Igrejas. É o quarto ano consecutivo que se reúnem na «casa de Chiara», para um momento de comunhão e de aperfeiçoamento com a Emmaus e Giancarlo, Serenella Silvi e Hans Jurt e outros do Conselho Geral.

Eram 44, da Igreja anglicana da Inglaterra, da Igreja copta ortodoxa e siro ortodoxa, evangélicos da Alemanha, luteranos da Suécia, Dinamarca e Alemanha, da Igreja reformada da Holanda e Suíça, ortodoxos dos Patriarcados de Antioquia, da Rússia e da Roménia e católicos.

É já uma riqueza o facto de nos encontrarmos – diz Johan, da Igreja reformada da Holanda – somos 80, espalhados em todo o mundo. Trabalhámos, já três vezes, sobre os Regulamentos dos focolarinos e das focolarinas para propor algumas mudanças e esclareci-

mentos relativos à nossa vida na Obra. É interessante constatar que, entre nós, temos pontos de vista muito diferentes».

Há temas delicados, como o pedido de início do processo de beatificação de Chiara, que, para vários de nós, pode resultar uma expressão de uma tradição religiosa que dificilmente consegue pôr em evidência o «santificar-se juntos», que Chiara desejou poder viver com todos, no Carisma. «Mas estamos a caminhar com Jesus no meio, que dará a Sua luz, também para isto».

«Há o facto de termos já este relacionamento intenso entre nós, como irmãos e irmãs, e pode-se dizer tudo» - afirma Anke, da Igreja evangélica luterana. «Ao longo destes anos, Jesus fez-nos percorrer um grande pedaço de caminho – continua a Vroni (Janua), da Igreja reformada suíça – para nos conhecermos melhor, com as nossas culturas e poder partilhar também as dificuldades, devidas à nossa situa-





ção numa obra católica, onde muitos ainda não têm a consciência nem estão preparados para um diálogo “trinitário” entre nós, e como membros de várias Igrejas».

As Igrejas têm tradições, teologia, pontos de vista diferentes relativamente a âmbitos que dizem respeito à ética. O relatório feito pelos cinco membros da comissão mista que, há mais de dois anos, trabalha sobre estas questões –

pede a plenitude da presença de Jesus no meio de nós. É o maior desafio, mas se o conseguirmos entre nós, acreditamos que será possível chegar a uma unidade que não é uniformidade. Sempre experimentei a predileção de Chiara para com os focolarinos e focolarinas de várias Igrejas, via-os como pontas avançadas para chegar à unidade. Conhecemos o Caminho: Jesus Abandonado. É o nosso desafio. Apercebo-me que o Espírito Santo tem pressa. Cabe-nos a nós amarmo-nos até ao ponto de darmos a vida!».

No programa houve uma sessão sobre «a nova sementeira» que evidenciou a riqueza do contributo dos focolarinos e focolarinas para a vida da Obra, para o «Que todos sejam Um»: desde a Mariápolis da comunidade ortodoxa de San Pietroburgo, ao testemunho na Abadia anglicana de St. Albans, nos arredores da Cidadela de Welwyn Garden, na Inglaterra, e a experiência de Sohag, no Egipto, com os responsáveis das diversas Igrejas do território...

Desejamos que as voluntárias, os sacerdotes, os Gen de várias Igrejas, conheçam esta nossa experiência – é a Nina, russo-ortodoxa, no focolar de Belgrado que fala -. Nós teremos mais credibilidade nas nossas Igrejas se formos ao encontro da humanidade, e o fizermos com toda a Obra. Somos todos filhos de Chiara e o nosso testemunho é credível se estivermos juntos. Nestes dias, abrindo-nos uns com os outros, perdem-se seguranças, mas aprende-se a sofrer com o outro, temos perguntas em aberto, mas nesta dinâmica de vida encontraremos as respostas».

*Ao cuidado de Gianna Sibelli*

e a presença de uma ortodoxa era uma novidade. Apesar de, à volta dos focolares, haver amigos ortodoxos, no fundo todos consideravam que o Movimento fosse só para católicos.

Com a presença da Nina abriu-se uma nova experiência. Caíram alguns «esquemas», como o da língua. Na Servia, quem é católi-



primeiro, separados em duas comissões: uma com membros de várias Igrejas e outra com membros católicos – deu esperança. No último seminário de trabalho, em Ottmaring, onde pela primeira vez se encontraram, pressentiu-se uma experiência piloto para trabalhar entre cristãos, na Obra.

Sarah, anglicana: “Quando ouvimos os relatórios da comissão ética, vimos que existe muita diversidade de opiniões, mas isso não im-

## Uma festa de *Eslava* muito especial

**Ao focolar de Belgrado, há mais de quatro anos, chegou a Nina Vязovetskaya, uma focolarina russo-ortodoxa, médica**

A Servia é um país com uma maioria ortodoxa e uma minoria católica. O Movimento dos Focolares, por motivos ligados à história, tinha-se difundido principalmente entre os católicos



co fala em croato, quem é ortodoxo fala sérvio. Agora esforçamo-nos mais por falar em sérvio, por traduzir nesta língua os livros de Chiara e agora há também o sítio do focolare.org., em sérvio

Normalmente, nos nossos encontros, havia a Missa católica ao meio-dia. Agora fazemo-la no início do dia, enquanto a Nina e os outros ortodoxos participam na Divina Liturgia. Depois, encontramos-nos todos juntos. Isto deu a possibilidade, a muitos católicos de convidarem os seus amigos ortodoxos, para os encontros.

Na Sérvia, a Igreja ortodoxa tem esta tradição: não se festeja o onomástico pessoal mas há o santo padroeiro da família. É a chamada festa de «Slava», celebrada por crentes e não crentes. Não só as famílias mas também as associações culturais, institutos religiosos, cidades inteiras têm o seu próprio padroeiro.

Há muito tempo que sentíamos que, como focolar, poderíamos fazemo-nos um com este costume. Para escolher o santo, de acordo com o espírito ecuménico do focolar, ajudou-nos um amigo monge que nos propôs festejar *as mulheres santas de "mironosice"* (as mulheres que vão ao sepulcro com os perfumes. ....), às quais é dedicada uma semana inteira, pela Igreja ortodoxa, a segunda semana depois da Páscoa.

Muitos dos nossos amigos ortodoxos ficaram entusiasmados com a nossa decisão e ajudaram-nos na preparação. No dia 4 de maio, no Domingo das *mulheres santas "mironosice"*, estávamos no focolar cerca de 50 pessoas, de várias

Igrejas, entre as quais os nossos vizinhos de casa, a médica do centro de saúde, os colegas de trabalho, alguns operários. O momento principal (o pão, o fermento, as orações) foi preparado e conduzido pela Nada, uma aderente ortodoxa. A oração e a bênção do pão foi feita pelo nosso amigo Pe. Giorgio Popovich com o diácono Rakich e o coro dos ortodoxos. Uma oração com recolhimento e depois, emocionados, de mãos dadas, rezámos segundo o rito de "Slava". O Pe. Giorgio exprimiu a sua alegria por o focolar ter agora as *mulheres santas "mironosice"* como modelo e como protetoras do focolar. Falando da função das mulheres que seguiram Jesus, comparou-as às focolarinas que «como naquela época, são o sal que transforma a sociedade e, por isso, todos nós». No texto lido juntos, encontrámo-nos todos, como discípulos de Jesus que anunciam a Ressurreição, segundo o exemplo de Maria!

Durante o almoço, houve muita festa e uma troca de prendas. Muitos estavam muito gratos. Uma senhora ortodoxa via isto como uma «inculturação que aprecia o outro e torna sua a cultura dele, é autêntico cristianismo». A Nada disse que esta festa da "Slava" se distinguiu pela profundidade e pela atmosfera de sobrenatural.

Consideramos esta ocasião como uma nova sementeira, uma maneira de viver com as pessoas, construir relacionamentos e de nos aproximar entre nós.

*Julijana (húngara), Martina (eslovena), Janua (croata) da Igreja católica e Nina (russa) da Igreja ortodoxa – focolar de Belgrado*

Para o povo sérvio, a *Slava* é tão antiga como o próprio cristianismo. Nenhuma nação cristã tem este género de celebração, que aqui se faz depois da Páscoa e do Nascimento. Dado que os sérvios estão numa região geográfica que faz fronteira entre o Oriente e o Ocidente, no meio de culturas que lhes são alheias (islão e catolicismo romano) e, durante séculos, foram escravos, a *Slava* tornou-se uma festa espiritual que se identifica com o nome do povo e a raiz da própria existência.

# No coração da Obra

## Na presença de Maria

**Em junho, cinco focolarinos católicos foram ordenados sacerdotes**

Realmente somos muito diferentes: na idade (dos 53 aos 69 anos), nacionalidade (italiana, holandesa, alemã), na proveniência (Bruxelas, Istambul, Loppiano, Ottmaring, Rocca di Papa), profissão (administrador, jornalista, engenheiro, professor,...). O que temos em comum é, antes de mais, o facto de sermos focolarinos e depois o de, entre o dia 31 de maio e 14 de junho, termos sido ordenados sacerdotes.

Depois da Assembleia Geral de 2008, a Emmaus e o Giancarlo tinham afirmado não querer admitir outros focolarinos à ordenação sacerdotal, antes de se perceber algo mais sobre o sacerdócio dos focolarinos. No Centro da Obra constituíram-se comissões (mistas) para aprofundar a ideia de Chiara sobre esta dimensão, presente na nossa secção.

Uma comissão começou por pôr em evidência aquilo a que Chiara gostava de chamar «sacerdócio de Maria». Em fevereiro de

2013, o Centro dos focolarinos apresentou ao Centro da Obra os focolarinos que tinham terminado os necessários estudos teológicos, em cuja vida se percebia uma possível vocação ao sacerdócio e os que, segundo o parecer do Centro dos focolarinos, tinham também a confiança de toda a Obra. No Centro da Obra, foram escolhidos cinco, desta lista. Só após esta decisão é que a Obra – através do Giancarlo Faletti – nos perguntou se estávamos dispostos a ser ordenados.

O nosso caminho para a ordenação foi novo, num certo sentido. Somos os primeiros, depois da morte de Chiara a não ser escolhidos por ela, mas através de um processo do Centro da Obra. Num certo sentido, somos ainda os primeiros a fazer todo o caminho de preparação, juntos, sob a orientação do Co-presidente.

Por duas vezes – antes da ordenação diaconal e antes da ordenação presbiteral –



Da esquerda para a direita: Carmine Donnice, Stefano Fontolan, Ton Jongstra, Giancarlo Faletti, Michele Lauriola, Joachim Schwind, na capela da casa de Chiara

o Giancarlo chamou-nos para fazermos um retiro juntos, no Centro da Obra. Com este convite, deu-nos dois sinais fortes e claros: o nosso sacerdócio é emanado e colocado na Obra e o nosso formador é Jesus no meio.

De modo especial, o último retiro foi um «habitar» no coração da Obra: as meditações e os dois encontros com a Emmaus, na salinha ao lado da sala do Conselho Geral; a Missa diante do túmulo de Chiara e de Foco; o dia inteiro passado na casa e no jardim de Chiara; a visita ao Pe. Foresi que nos recebeu com uma grande felicidade; o jantar no focolar do Giancarlo; o almoço no Centro dos focolarinos. Foram - como programou o Giancarlo - os lugares que nos proporcionaram fazer as experiências mais profundas, até ao ponto de experimentarmos, num momento densíssimo, na capela de Chiara, diante do tabernáculo, uma hora onde parecia que se dissolviam os limites de espaço e de tempo, numa unidade profunda com Chiara e com toda a Obra.

Um momento importantíssimo foi o último e breve encontro que tivemos com o Conselho Geral, lugar de onde partiu o convite a exercer o serviço sacerdotal para a Obra e onde este serviço está ancorado. Apresentámo-nos, num momento de comunhão simples e profundo, à nossa «autoridade», que outra coisa não é senão a presença de Maria, que nos acolheu, abraçou, envolveu e que nos dá, também no futuro, a sua ajuda para perceber cada vez melhor como desempenhar este serviço.

A Emmaus disse-nos, como intenção específica: «Que haja a plenitude do Espírito Santo na Assembleia». Também o Giancarlo tinha expresso um seu desejo/intenção: «Que a Obra possa ser rica de Deus, aberta para a evangelização e seja capaz de dar o Ideal na realidade de hoje».

Apesar de a ordenação ter sido feita em lugares diferentes, foi sempre caracterizada por uma autêntica simplicidade e pela grande e alegre participação da Obra, como a Emmaus nos tinha garantido numa carta dirigida a cada um de nós. O seu desejo ficará como programa para o nosso «sacerdócio de Maria»: «Ter sempre Deus no primeiro lugar, deixar-se forjar por Jesus Abandonado e por Maria Desolada e estar ao serviço da unidade».

*Carmine Donnici, Stefano Fontolan,  
Ton Jongstra, Michele Lauriola, Joachim Schwind*

## Os novos focolarinos sacerdotes

**Carmine Donnici** (57 anos), italiano, no focolar desde 1979, actualmente em Istambul. Administrador, foi ordenado a 14 de junho pelo Bispo João Dettori, em Pompeia.

**Stefano Fontolan** (56 anos), italiano, no focolar desde 1988, atualmente em Loppiano. Engenheiro, ordenado a 31 maio pelo Bispo Breandan Leahy, em Prosperous, Co. Kildare, Irlanda.

**Ton Jongstra**, (56 anos), holandês, no focolar desde 1984, actualmente em Bruxelas. Professor de religião, ordenado a 9 junho pelo Bispo Jan van Burgsteden, na 's-Hertogenbosch, Holanda.

**Michele Lauriola** (69 anos), italiano, no focolar desde 1971, actualmente no Centro dos Focolarinos. Licenciado em Física, ordenado pelo Bispo João Dettori a 14 junho 2014, em Pompeia.

**Joachim Schwind** (53 anos), alemão, no focolar desde 1985, atualmente em Ottmaring. Jornalista, ordenado a 14 junho pelo Bispo João Dettori, em Pompeia.

# Famílias

© Roberto Rigo



## «O grande mistério do amor nupcial»

Uma escola no espírito do próximo Sínodo

Diante dos desafios e das fragilidades crescentes, a família pode encontrar uma nova força através da luz do Evangelho vivido. É necessário acompanhar as famílias para que não se sintam sós nas dificuldades e redescubram o seu papel na Igreja e na sociedade. Com este espírito - com o qual o Papa Bergoglio quis dedicar o próximo Sínodo bienal à pastoral familiar - também se viveu a Escola internacional de Famílias Novas. Algumas centenas de famílias jovens, provenientes de diversas partes do mundo, puderam aprofundar a escolha do «sim» para sempre. A algumas destas, presentes na Audiência geral dia 4 de junho, o Papa Francisco dirigiu uma saudação especial, exor-

tando os esposos recém-casados a invocar com frequência o Espírito Santo. Com efeito, Ele é a luz indispensável nas escolhas a fazer e o apoio nas dificuldades, que se encontram quotidianamente na vida familiar.

A escola, com o título «O grande mistério do amor nupcial» (Castel Gandolfo 5-8 junho de 2014), iniciada por Giancarlo Faletti, co-presidente dos Focolares, decorreu num clima de escuta e de acolhimento recíprocos, com uma forte participação de famílias provenientes de Países extra-europeus, em especial da Ásia e da África, mas também da América do Sul e da Europa do Leste.

As experiências de diversas áreas geográficas e culturas diferentes, fizeram realçar problemáticas comuns, típicas do mundo atual da família e revelar como o Evangelho vivido pode regenerar o mundo da família e a sociedade.

Aprofundou-se a escolha do compromisso conjugal através de testemunhos e comunicações de especialistas em várias temáticas familiares (a diversidade homem/mulher, a unidade

### A família interpela os media

Aconteceu em Roma, durante dois encontros informais, em junho, entre elementos de Famílias Novas, entre as quais uma pessoa separada que se manteve fiel e uma outra divorciada com uma nova união, e 11 jornalistas dos maiores jornais italianos. Um comentário «Aqui experimentam-se as respostas que o Sínodo procura».

no casal, a fecundidade, a sexualidade, a educação, o sofrimento, a abertura à sociedade). Nos numerosos momentos de diálogo entre espo-



sos e em plenários foi possível partilhar questões, experiências, iniciativas.

As famílias foram envolvidas num grande jogo ao ar livre, organizado pelo Centro gen4 e, durante uma noite, houve um espectáculo com o musical «O mundo de Lucy», que conta a história verdadeira de uma menina especial.

A renovação das promessas nupciais foi um momento importante para as famílias, que partiram com o empenho de fazer crescer o amor de casal e de família e levá-lo a todas aquelas periferias que esperam a alegria do amor vivido.

*Giovanna Pieroni*

Com os professores da Universidade de Cluj

## O «pensamento» de Chiara difunde-se

**Partilhas interessantes com a Escola Abba e o Instituto Universitário Sophia**

No dia 11 de junho, três sacerdotes romano-ortodoxos – professores da Faculdade Teológica Ortodoxa da Universidade «Babes-Bolyai» em Cluj, na Roménia – celebraram uma oração pelos defuntos (parastas) na capela do Centro da Obra, em Rocca di Papa, inteiramente cantada a três vozes. Com esta oração, quiseram expressar a gratidão pela dádiva do carisma da unidade. «Chiara deve estar feliz por nos ver unidos, aqui junto do seu túmulo. Ela está aqui conosco!», exclamou o p. Vasile Stanciu no fim.

Os três professores, rev. Ioan Chirila, rev. Vasile Stanciu, e rev. Cristian Sonea, estão em contacto com os focolares da Roménia. Por sua iniciativa já se realizaram quatro simpósios na Faculdade, para dar a conhecer o pensamento de Chiara. Passaram dois dias em Loppiano onde firmaram um acordo de intercâmbio en-



tre estudantes e professores com o Instituto Universitário Sophia. Visitando a casa de Chiara e o Centro Chiara Lubich, o p. Stanciu, ao falar com a Eli, expressou o profundo reconhecimento a Chiara, que conhecera pessoalmente. Com alguns membros da Escola Abba, na Aula Klaus Hemmerle, os professores puderam conhecer mais profundamente «a raiz» das páginas luminosas de '49 e o método de trabalho que evidencia a doutrina que está a surgir a partir delas.

No dia seguinte, depois de uma saudação, a Emmaus e o Giancarlo, encontraram-se com dez membros do grupo do diálogo ecuménico dos externos da Escola Abba.

O próximo encontro está marcado para novembro de 2015, em Cluj, para um Simpósio sobre «O Espírito Santo».

*Maria Wienken*

## Com a Comunidade «Verbo de Vida»

O carisma da unidade é uma luz para viver melhor a vocação contemplativa e missionária de uma comunidade nascida em França

No ano passado, através de várias circunstâncias que me pareceram providenciais, fui convidado a conduzir o retiro anual da Comunidade «Verbo de Vida», uma nova comunidade eclesial nascida em França há 28 anos, no âmbito do Movimento carismático (<http://www.leverbedevie.net/fr>). A Irmã Claire Baude, a atual moderadora geral, tinha-me pedido que propusesse «chaves» para se viver melhor a palavra da sua fundação: «Aquilo que existia desde o princípio, aquilo que nós escutámos, aquilo que vimos com os nossos olhos, aquilo que contemplámos e que as nossas mãos tocaram do Verbo da vida [...] nós o anunciamos também a vós para que também estejam em comunhão connosco» (1 Jo 1,1-3).

Tracei um percurso com onze etapas sobre o caminho da unidade e da «vida trinitária», referindo-me abundantemente à Escritura, aos escritos de Chiara Lubich e ao magistério da Igreja conciliar. Encontrámo-nos em agosto passado – éramos cerca de sessenta, leigos, sacerdotes e religiosos –



durante quatro dias na sua casa mãe, em Notre-Dame de Fichermont, perto de Bruxelas (Bélgica). Foi uma profunda experiência daquela «comunhão com o Pai e o seu Filho, Jesus Cristo» que deve caracterizar os cristãos. Esta comunhão teve o seu ponto alto numa «aliança de amor recíproco», cuja formulação foi objecto de uma partilha profunda e sincera, antes de ser submetida à aprovação de todos. Na conclusão do retiro esta foi assinada por todos os membros da Comunidade, no santuário mariano de Banneux.

A Comunidade encontrou no carisma de Chiara uma luz para viver melhor a sua vocação contemplativa e missionária. Experimentou-se a presença do Ressuscitado, que curou feridas, voltou a dar esperança, abriu novos horizontes.

A este primeiro retiro, seguiram-se outros três para os aderentes – sempre com a colaboração dos focolarinos – em França, com Gianluca Falconi, na Suíça, com Jean-Louis Hôte e, na Bélgica, com Eric e Lut Mattern. Em todos a descoberta, empenhativa e comovente, da importância de colocar o amor recíproco na base da vida cristã.

*Michel Vandeleene*





2014

# loppianolab

## um mapa para a Itália

De 3 a 5 de outubro realiza-se de novo o LoppianoLab, o laboratório nacional de economia, cultura, comunicação e formação organizado pelo Pólo Lionello Bonfanti, pelo Grupo editorial de Città Nuova, pelo Instituto Universitário Sophia e pela Cidadela de Loppiano.

Uma iniciativa que chega à quinta edição com uma fórmula já bem consolidada. Através de debates, *workshops* e mesas-redondas, o evento quer ser, e é, lugar de encontro e permuta para todos os que - homens, mulheres, cidadãos, empresários, trabalhadores, jovens e adultos, professores, representantes de Instituições, pessoas de cultura - trabalham diariamente no terreno à procura de um processo participativo, para sair de uma crise que não é apenas económica, mas também cultural e social.

«Um mapa para a Itália. Relacionamentos, trabalho, cultura»: é o título da próxima edição que se prevê cheia de novidades. A primeira diz respeito à «casa» que recebe o evento.

Este ano Loppiano ocupará um lugar especial

no programa: na verdade, vai ser celebrado o seu 50º aniversário (1964-2014). Esta comemoração é a primeira de um calendário de eventos que, nos doze meses seguintes, percorrerão, de vários modos, as etapas mais significativas da sua história, pondo em evidência a sua vocação específica na vida da Obra, em Itália e no mundo.

Dois eventos vão liderar o programa: de 27 a 30 de setembro terá lugar «Gerir os Carismas Hoje»: uma oportunidade de formação dirigida a Superiores e Superiores, Conselhos Gerais e Provinciais, Responsáveis pelo economato de Institutos de Vida Consagrada e Associações de Vida Apostólica que se ocupam da gestão de obras nascidas nos carismas. De 1 a 3 de outubro, um "Workshop School EdC" para jovens: «Realizados no Trabalho», excelente oportunidade de discussão com profissionais e empresários para intensificar a formação e as capacidades de cada um.

Depois da inauguração, LoppianoLab irá a fundo com a «Convenção italiana de Economia de Comunhão» e com a Expo 2014, que sofrerá alte-



rações na sua fórmula. No *hall* do Pólo, num lugar definido, serão projetados vídeos de empresas, realizados com o apoio de jovens dos 13 aos 17 anos, em laboratórios supervisionados por especialistas "video makers" e será preparada uma área de matching entre empresas, para encontros com os empresários. Graças a um canal de televisão por internet, redes sociais e social network, os vídeos das empresas poderão ser vistos no Pólo durante todo o ano.

Não faltarão os encontros de caráter cultural, na certeza de que, ao investir na cultura, será possível um autêntico renascimento - humano e social - da Itália.

Por isso, na sexta-feira, dia 3 de outubro, no Auditório, será realizado um serão, a cargo dos estudantes do Instituto Universitário Sophia, intitulado «Agostinho de Ippona: uma herança, um tesouro». O pensamento do grande Doutor da Igreja - desde sempre considerado pedra angular da cultura italiana e europeia - será ainda atual? O que tem a dizer ao nosso tempo, na procura de um novo mapa de valores? O diálogo entre Piero Coda e o filósofo Umberto Galimberti desenrolar-se-á em torno destas questões.

Na manhã de sábado, dia 4, o Grupo Editorial colocará em campo autores e colaboradores das suas revistas e da editora. O diálogo com os participantes será animado por uma série de oficinas sobre alguns temas de extrema atualidade: a teoria do género humano, o direito e a relação entre governantes e governados, em sinergia com todas as realidades que desenvolvem o projeto Itália (Movimento Político



para a Unidade, Humanidade Nova, Famílias Novas, Jovens para a Unidade e Juventude Nova).

O evento principal será a grande conferência de sábado à tarde, organizada pelos quatro promotores, sobre os temas-chave da edição de 2014.

Entre outros, já confirmaram a sua presença, o Card. Gualtiero Bassetti, Vice- Presidente da Conferência Episcopal Italiana (CEI), o realizador Pupi Avati, os empresários Matteo e Marco Cabassi e Vincenzo Linarello.

Uma atenção especial será dedicada às novas gerações. A redação de "Teens", revista do Grupo Editorial Città Nuova, feita por adolescentes para adolescentes, organiza uma oficina de jornalismo destinada a adolescentes dos 12 aos 17 anos. Especialistas em comunicação, fotografia, vídeo, redes sociais interagem com os jovens, para que eles possam experimentar, na prática, as diversas técnicas de informação.

Sábado de manhã, as crianças até aos oito anos poderão participar na oficina com os redatores do novo jornalzinho *Big, Bambini in gamba (crianças fantásticas) que promoverá muitos jogos, desenhos e atividades com os personagens da Big Band e da família A-mici.*

Para se inscrever só é necessário preencher a ficha de inscrição, publicada nos sites dos quatro promotores:

- [www.cittanuova.it](http://www.cittanuova.it)
- [www.loppiano.it](http://www.loppiano.it)
- [www.pololionellobonfanti.it](http://www.pololionellobonfanti.it)
- [www.iu-sophia.org](http://www.iu-sophia.org) e no blog: • <http://www.loppianolab.blogspot.it>

Estão previstos "pacotes" de alojamento mais económico para jovens, famílias e grupos. Informações adicionais poderão ser obtidas através do número de telefone **055.9051102**

Elena Cardinali

# Caminhos de paz

## A minha «Terra Santa»

A experiência de Margaret Karram convidada para a «Invocação» para a paz de 8 de junho, no Vaticano

A viagem do papa Francisco à Terra Santa deu como fruto o histórico acontecimento de Paz em que participaram os *Presidentes* Shimon Peres, israelita, e Abu Mazen, palestino, juntamente com o Patriarca Bartolomeo I de Constantinopla. A fazer parte da delegação cristã, estava uma focolarina – a única mulher a dar voz a uma oração.

Margaret, árabe cristã, nascida em Israel,

par, em nome da Obra, na oração pela paz, no Vaticano. Era o amor de Deus que convidava a ser ali, com a unidade de todos, uma presença de Maria e da Sua Obra.

Que graça e que alegria saber que me ia encontrar com várias personalidades de Israel e dos Territórios Palestinos que já conhecem o Movimento: hebreus, cristãos, e muçulmanos, e viver juntos este momento histórico com o Santo Padre!».

Também Javier Garcia do Centro Santa Chiara média foi convidado a colaborar para as reportagens televisivas do Centro Televisivo do Vaticano.

(Ver: [www.focolare.org/it/news/2014/06/10/il-co-raggio-della-pace/](http://www.focolare.org/it/news/2014/06/10/il-co-raggio-della-pace/))



© L'Osservatore Romano

que foi durante muitos anos Delegada da Obra para a Terra Santa: «Há três meses cheguei à Mariápolis Romana, depois de ter vivido em Jerusalém durante 25 anos. Sabia que o Papa iria à Terra Santa, e também eu colaborei nos primeiros preparativos desta visita. Foi uma experiência forte deixar aqueles lugares, deixar gente que amei muito e com quem se traçou ao longo dos anos, e não sem fadiga, um caminho de diálogo e de solidariedade, com muitas iniciativas para promover uma cultura de confiança recíproca.

Agora a minha "Terra Santa" é aqui, posso amar Jesus em cada pessoa e assim dar igualmente o meu contributo à visita muito esperada do Papa àquela terra. Foi enorme a minha surpresa quando recebi o convite para partici-

## Movimentos cristãos

Vínculos de amizade que se reforçam

**1-2 de Junho, Estádio Olímpico, Roma.** Na 37ª convocação nacional do Renovamento Carismático, com cerca de cinquenta mil pessoas, durante o encontro com o Papa Francisco estavam presentes também representantes de vários Movimentos e Comunidades. A representar os Focolares estava uma delegação de «Juntos pela Europa» com Eli Folonari, Anna Pelli, Iride Goller, Gabri Fallacara e Ada Guazzo, juntamente com a Anna e Alberto Friso de Famílias Novas.

**15 de junho, Santa Maria em Trastevere.** Por ocasião da visita do Papa Francisco à Comunidade de Santo Egidio, a Eli foi convidada a partilhar este momento de alegria. Muitos seguiram o evento pelos vários canais de Tv.

## Gen3 no Vietname

# A «arte de amar» nas...



Este ano o encontro com os nossos amigos decorreu em Ho Coc, Ba Ria, a 125 quilómetros da cidade de Ho Chi Minh, onde uma linda praia e colinas arborizadas criavam um lugar adequado para o nosso campismo, cuja característica foi o envolvimento de muitas pessoas, desde um Master Scout (chefe de escuteiros), budista, no seu primeiro encontro com o Movimento, que veio com quatro dos seus jovens escuteiros para nos dar uma ajuda.

Entre os participantes que vieram pela primeira vez estavam rapazes de uma outra Igreja, budistas e rapazes sem convicção religiosa: foi a ocasião para uma verdadeira colaboração, cada um sendo uma dádiva para o outro!

Um momento de recreio, aprendendo coisas como: fazer comida, trabalhar em grupo, saber viver sem as habituais comodidades de casa e, sobretudo, construir a fraternidade com os novos amigos, de fés diferentes, pondo na base destes dias a «arte de amar»!

Não faltaram os desafios, mas prevaleceu em todos a alegria de trabalhar juntos, apesar das nossas diversidades.

# Férias!

Um acampamento para rapazes onde, juntamente com os gen3, estavam presentes adolescentes de várias Igrejas cristãs, Religiões e sem referências religiosas

Também o tempo meteorológico fez a sua parte: sol todo o dia e estrelas luminosas durante a noite. Fez-se até o star gazing (contemplar as estrelas). A forte chuva que caiu durante uma noite foi uma pequena prova para poder enfrentar, cansados, o programa do dia seguinte. Mas, apesar de tudo, houve uma competição no pôr em prática a «arte de amar», que deu a possibilidade de crescer no viver bem o imprevisto, colocando-se no momento presente...

Também a providência veio ao nosso encontro com abundância, de muitos modos! Um sinal da bênção de Deus.

Algumas impressões: «Conheci novos amigos e pude aprender muitas coisas sobre a vida, por exemplo, como amar». «Esta experiência de acampamento fez-me perceber também quanto os meus pais trabalham duramente para que nós, filhos, possamos ser formados e instruídos. Assim, sinto um amor maior por eles...». «Percebi que, se abro o coração para com os outros, podemos trabalhar juntos; e se soubermos amar os outros como a nós mesmos, podemos dar alegria a Deus. Não me teria dado conta de tudo isto se não tivesse vindo ao acampamento. Agradeço-vos por esta experiência que foi muito significativa para mim».

Gen3 de Vietnam

# A cidade vai à Mariápolis

«Dimensão fraternidade». Uma experiência inovadora que envolveu mais de mil pessoas na capital do Piemonte

«Um calendário não muito intenso», «sustentar e apoiar a vida nas comunidades locais» e «pensar num ponto de chegada comum ao longo do ano» foram as ideias que surgiram na altura de programar o ano. Depois de termos colocado em comum sonhos, dúvidas e receios, chegámos juntos a um desafio: realizar uma Mariápolis em Turim, no coração da cidade, aberta a todos e ao alcance de todos (também economicamente) para levar o Ideal da fraternidade - Deus - a toda a gente. Uma sondagem revelou quem estava pronto para abrir a sua casa a quem vinha de mais longe.

Com a paixão, a fantasia e o trabalho de muita gente, realizou-se de 31 de maio a 2 de junho, no SERMIG - Arsenal da Paz, fundado por Ernesto Olivero, a Mariápolis "Dimensão Fraternidade".

Passaram pela Mariápolis mais de 1200 pessoas (cerca de 900 por dia) e muitas vieram pela primeira vez. Foi necessário imaginar um programa adequado a todos e o Espírito Santo iluminou-nos.

Uma tarde, por grupos, saiu-se à descoberta da cidade: comunhão com os carismas modernos (como o SERMIG), com os dos santos de Turim sempre cheios de vida: nos locais de D. Bosco e de Cottolengo, passeios nas colinas, itinerários artísticos, uma ação ecológica no Lungo Dora (Dora = rio que atravessa Turim). A este propósito, o responsável municipal dos Espaços Públicos de Turim, escreveu-nos: «Obviamente não existem palavras para vos agradecer, também em nome da cidade, por esta iniciativa».

Entre as muitas impressões que foram re-

colhidas: «Foi a primeira experiência, "vim arastado" por uma amiga muito querida. Foi uma descoberta que me levou a superar alguns preconceitos. Principalmente aquele de que do Movimento, na maioria dos casos, fazem parte pessoas um pouco exaltadas, cheias apenas de boas teorias sobre o amor. Ouvi experiências preciosas, no fundo ao alcance de todos, e apresentadas sem nenhuma vanglória pessoal, mas com amor autêntico e espírito de serviço. Em suma: fantástico e muito proveitoso». «Uma Mariápolis de alegria, de comunidade viva». «Uma Mariápolis muito jovem em que nada faltou». «A mais bela Mariápolis... a redescoberta de que os vários carismas podem ajudar a construir o mundo unido».

Há doze anos, no dia 2 de junho, Chiara, ao receber a Cidadania Honorária, fez votos de que Turim se tornasse «Capital da Fraternidade». Talvez tenhamos visto um pedacinho. Uma pessoa dizia: «Daremos continuidade à Mariápolis no dia a dia habitual, que se tornará extraordinário». As experiências e iniciativas que, de imediato, floresceram são a confirmação disso.

*Aa comunidade de Turim*



## P. Casimiro Bonetti ofm cap.

(Ordem dos Frades Menores  
Capuchinhos)

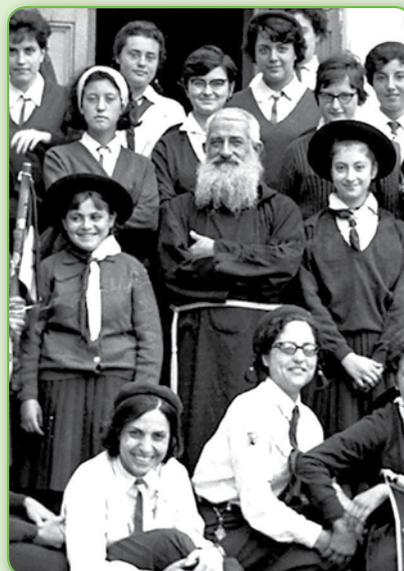
«*Deus ama-a imensamente*»

Foi assim que Maria Voce quis exprimir a lembrança e a gratidão da Obra pelo contributo do Pe. Casimiro da Perarolo, no âmbito da história do Movimento dos Focolares, nos seus primórdios, em Trento:

«No momento da partida do Pe. Casimiro Bonetti, o Movimento dos Focolares exprime a sua sentida solidariedade com a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. A Providência de Deus quis ligar a sua pessoa aos primórdios do Movimento dos Focolares.

De facto foi ele que, no dia 7 de dezembro de 1943, fez a consagração de Chiara Lubich a Deus. Foi ele que, em várias circunstâncias, se revelou instrumento de Deus. Basta pensar na resposta que deu a Chiara, ao ter percebido a sua generosidade: "Lembre-se menina: Deus ama-a imensamente!". Ou no pensamento que expressou no dia 24 de janeiro de 1944, a propósito do momento mais doloroso da paixão de Jesus, que, na sua opinião, seria quando Jesus gritou: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" (Mt 27,46).

Essas afirmações - de que ele próprio



mais tarde ficaria admirado, reconhecendo-as como fruto da ação do Espírito Santo - tiveram uma ressonância muito especial na alma de Chiara. Graças ao carisma que Deus lhe deu, estas, juntamente com outras intuições que ela teve, tornaram-se, com o passar do tempo, bases fundamentais da espiritualidade da unidade, que anima a vida do Movimento dos Focolares.

Conservando sempre viva a lembrança do Pe. Casimiro Bonetti, juntamente com todos os que, de vários modos, fazem parte do Movimento dos Focolares, asseguro as orações de todos por ele, com gratidão e reconhecimento».

## Amerigo Petruccelli

*Mestre na «arte de amar»*

No dia 11 de junho, o Amerigo, da Mariápolis Romana, partiu para o Paraíso, acompanhado pelo amor de todos os focolarinos da Villa Emilio, com os quais tinha recebido, dias antes, o sacramento da unção dos enfermos, mesmo se nada fizesse prever uma «partida» tão rápida.

Nasceu em Milão no dia 7 de janeiro de 1930. A sua irmã, a quem estava muito ligado, contava que, em pequeno, ele era um «terramo-

to». A sua vivacidade era bem conhecida não só pela família, mas também por toda a vizinhança.

O Amerigo conheceu o Movimento em 1950, por intermédio de Ginetta Calliari. Referindo-se a esse momento, ele contou numa carta a um amigo: «... a minha hierarquia de valores mudou completamente. Percebi que a caridade era entendida num sentido totalmente diferente; que as palavras deviam vir depois de ter amado o próximo e que o sentido do dever era expressão da Vontade de Deus... à medida que procurava viver este Ideal de vida, via que me

completava em todos os aspetos, quer espirituais quer humanos».

Em maio de 1960 escreveu a Chiara para lhe dizer que, depois de a ter ouvido, tinha sentido a vocação ao focolar. E, alguns anos depois, dizia-lhe também: «sinto necessidade de que também a minha vida, como a tua, se torne um agradecimento contínuo, para poder responder pelo menos um pouco ao Amor de Deus». Na mesma carta pedia-lhe uma palavra de Vida, que lhe servisse sempre de guia. E Chiara propôs-lhe esta frase do Evangelho: «Nós conhecemos o amor que Deus tem por nós, pois acreditamos n' Ele» (1 Jo 4,16). E muita gente recorda o seu amor, assim como a sua simplicidade, a sua hospitalidade, que estabelecia de imediato um relacionamento profundo. Em 1974 escreveu a Chiara: «O amor que tenho de ter por todos, mas sobretudo pelos focolarinos, deve tornar-se cada vez mais puro e não devo nunca esperar nada de ninguém, mas ser o primeiro a começar a amar. Não que isto não me faça ver os limites de quem está perto de mim. Aquilo que antes me faria parar, agora está a tornar-se um motivo maior para amar ainda mais».

Um senhor que o conheceu enquanto falava num encontro, algum tempo depois foi ter com um sacerdote e pediu-lhe: «Preciso que me ajude a encontrar uma pessoa». À pergunta do sacerdote se tinha algum endereço, o senhor respondeu que só se recordava de um sorriso e de um nome: focolarino. O sacerdote compreendeu e deu-lhe o endereço do Amerigo: era mesmo dele que estava à procura.

A maior parte da sua vida de focolar foi vivida na Catânia, onde fez com que nascessem e crescessem muitas comunidades. Houve quem o definisse como «um dos pais fundadores da Obra na Calábria, um mestre da arte de amar». Um focolarino testemunhou: «Espiritualmente era a "coluna" do focolar, porque tinha uma vida de união com Deus, uma longa experiência e uma vigor comprovado pelos sofrimentos físicos destes últimos anos».



Chiara tinha-lhe dado como nome novo «Evangelho vivido», para exprimir a realidade da sua vida.

Rezemos pelo Amerigo e peçamos-lhe para que, do Céu, nos ajude a testemunhar o amor de Deus e a alegria que o Evangelho nos dá se o vivermos.

*Do telegrama da Emmaus aos focolares*

## pe. Michel Brenninkmeyer, sacerdote jesuíta

*Gigante de espírito*



« O P e . Michel era um gigante devido à sua estatura física (media mais de 2 metros), mas mais gigante ainda de espírito. Faleceu um sacerdote santo». Estas palavras do Bispo Armando Bortolaso descrevem muito bem quem era o Pe. Michel, jesuíta holandês que viveu durante muitos anos na Síria, a trabalhar incansavelmente na difusão do Ideal naquela região. Debilitado por causa de uma doença grave, partiu no dia 23 de maio, em Beirute.

«Quem se cruzava com ele ficava tocado: creio que tenha sido por isso que, ao seu redor, nasceu e cresceu o Ideal na Síria, na sua pureza e com uma vivacidade que não se prevê que venha a abrandar», prosseguiu D. Armando,

que com ele partilhou muitos anos na Síria.

O Pe. Michel nasceu na Holanda em 1932 e entrou para a Companhia de Jesus em 1951. Tendo nascido numa família muito rica, tornou-se muito pobre, não só em espírito, mas também humanamente, no modo de vestir, nos objetos de uso pessoal, no mobiliário do seu quarto. Conheceu a espiritualidade da unidade em 1971 por intermédio de três focolarinos (entre eles Guido Brini), que em Homs (Síria) conduziam um retiro espiritual, tendo ficado alojados na sua comunidade. O Pe. Michel ficou muito tocado pelo facto de não terem feito nenhum comentário à sua mais que alta estatura e quis saber mais. Participou numa Mariápolis em Inglaterra e, a partir desse momento, fez seu o carisma de Chiara. Com um outro sacerdote, percorria a Síria para levar o Ideal a quase todas as aldeias cristas e fazer os encontros de Palavra de Vida. Roland Poupon conta-nos: «Era famoso com o seu pequeno Volkswagen, tendo que se dobrar, com a cabeça inclinada e os joelhos quase a tocar no volante: quantas pessoas visitou com a sua imensa caridade. Quantas pessoas e quanto material transportou!». E Robert Chelhod: «Nunca o vi triste. Era acolhedor e não falava muito porque, para ele, o irmão tinha uma importância muito maior ». Graças a ele, nasceram os primeiros grupos de jovens e as primeiras vocações na Obra. Nas Mariápolis dormia como todos num colchão no chão e um voluntário recorda-se de ficar admirado ao ver o Pe. Michel lavar as casas de banho.

Nem todos os seus confrades entendiam como ele conseguia viver «duas espiritualidades». Mas ele repetia, com a vida e por palavras, que o carisma da unidade reforçava o seu amor pela espiritualidade de Santo Inácio.

Foi muito grande a alegria do Pe. Michel quando, em 1990, foi aberto o focolar masculino em Aleppo. Robert conta ainda: «Vinha todas as semanas celebrar a Eucaristia no focolar e continuávamos com um momento de meditação e de comunhão de alma. Partilhava as

suas experiências mais fortes, as suas alegrias e os sofrimentos. E nós, focolarinos, sentíamos-nos "levados até ao céu" pela sua presença... Tinha uma relação pessoal com os membros da Obra, desde o maior até ao mais pequeno: entendia o povo da Síria melhor do que nós».

Em 2012, por motivos de saúde, mudou-se para o Líbano. Ficou em Beirute, também por causa da delicada situação na Síria. «Vinha quase todas as quartas-feiras ao focolar, telefonava muitas vezes para dar notícias, assegurava a unidade e as suas orações». Há um ano, as suas condições físicas pioraram e parecia que seria o fim. Christian, focolarino de Beirute, conta-nos: «Fiquei ao seu lado, tinha um o rosto luminoso e um esplêndido sorriso, apesar do cansaço e das sondas que tinha de usar. Perguntei-lhe como estava. Respondeu-me com um frase de Santa Teresa d'Ávila: "Nada me pertuba, nada me assusta. basta-me Deus". E continuou: Esta é a posição de Jesus Abandonado, nem sempre consigo dizer-Lhe "Sim!", mas recomeço de imediato". Quando lhe perguntei; "Estás pronto?" respondeu-me com um sorriso "Sim!>". O Pe. Michel, entretanto, recuperou. Na mesma clínica, estiveram durante algum tempo outros dois jesuítas idosos e ele visitava-os muitas vezes. No dia 9 de abril, no focolar, celebrou a Missa - foi a última vez - também pelo P. Franz, um confrade seu assassinado recentemente em Homs. Tinham vivido durante cerca de 40 anos na mesma comunidade e isto abalou bastante o Pe. Michel. Contudo estava sereno como sempre, com a certeza de que o mal não terá a última palavra. No hospital, na última visita, os focolarinos estiveram com um enfermeiro muçulmano que estava muito sensibilizado por causa do sorriso contínuo do Pe. Michel, apesar do sofrimento e do desconforto causados pela doença.

Toda a gente, na Síria e no Líbano, sente que agora tem no Céu um irmão mais velho que os acompanha, especialmente neste momento trágico.

*Giorgio Antoniazzi*



## Florette Bouillon

*Na Bélgica, desde o início*

No dia 2 de junho, com 76 anos de idade, partiu para o Céu a Florette que, juntamente com outras voluntárias, foi

uma "coluna" da Obra, na Bélgica. Ainda jovem esposa, ela e o marido, de convicções não religiosas, procuraram ambos o sentido profundo da vida. O marido, impressionado pelo médico de Hamme (local onde moravam), tão «diferente», quis conhecê-lo melhor e, através dele, ficaram ambos fulgurados pelo Ideal, tendo-se tornado voluntários de Deus. A Florette, para construir a Obra com o entusiasmo do início, ia de um extremo ao outro do País. Mais tarde foi delegada das voluntárias. Viveu sete anos na Cidadela, onde tinham a sua casa, que era sempre uma «porta aberta» para o exterior. Por motivos familiares teve de mudar de casa muitas vezes: ao chegar a um lugar, queria logo interessar-se pelas realidades locais e conhecer as pessoas. Após as primeiras abordagens, muita gente queria saber mais, inseriam-se nos grupos de Palavra de Vida e nascia a comunidade. A Florette costumava dizer: «Estou convencida de que, quando Deus me coloca num lugar, é para que eu responda todos os dias ao Seu convite amoroso para com o irmão com quem me encontro, para que me sinta solidária com ele, pondo em prática a fraternidade e tornarmo-nos santos juntos».

Recebeu de Chiara a Palavra de Vida: «A linguagem da cruz é a força de Deus» (1Cor 1,18). Mais tarde teve de cuidar do marido doente e do pai. Florette dizia que esta situação «foi-me útil para descobrir a humildade, a paciência e a perseverança. Pôr-me de novo em Deus custa-me, mas no momento presen-

te descubro a Sua Vontade... e a minha vida torna-se dinâmica...». Ela e o marido ajudaram-se mutuamente a fazer de Jesus Abandonado «o amigo vivo» entre eles e, quando ele partiu para o céu, a Florette dizia: «A partir dessa altura pareceu-me descobrir, talvez pela primeira vez, o que quer dizer reconhecer e amar verdadeiramente Jesus no Seu total abandono, onde não se é nada, onde se tem a impressão de não existir e se espera tudo d'Ele».

Há pouco tempo tinha-se mudado para Bourdalet, na França, para estar perto da filha. A saúde piorou e partiu em paz.

*Maria Verhegge*

## Elly Broux

*Uma vida com «asas»*

Elly, voluntária de Eigenbilzen (Bélgica) chegou ao céu no dia 3 de junho: tinha 80 anos de idade. O encontro com o Ideal, no início de 1960, deu «asas» à sua vida e ela lançou-se a vivê-lo. Sentiu-se logo chamada a dar-se radicalmente como voluntária. Culta e inteligente, exercia a sua profissão de formadora de enfermeiras com um grande sentido de responsabilidade. Inspirava muito respeito às suas alunas. Para ela o doente era o centro de tudo e exigia a mesma atitude da parte delas, ensinando-as quer no aspeto técnico da profissão, quer no aspeto deontológico e comportamental. Ficou viúva muito jovem e a morte do marido deixou-lhe uma marca para toda a vida. Mas o amor a Jesus Abandonado, encontrado e amado, foi a força para se lançar a amar sempre.

O núcleo era o centro do seu coração. Soube estar próxima de uma ou outra vo-



luntária que passasse um momento difícil. Quando se vivia uma experiência com ela, esta permanecia como um momento luminoso. Vivía para a comunidade e para todos os que tinha conhecido e a quem tinha transmitido o Ideal, com fidelidade, multiplicando pequenas ou grandes atenções para manter «quente» o amor. Tinha uma predileção pelos jovens e pelos doentes que viviam sozinhos e que seguia com muita responsabilidade. Trabalhou na revista *Nieuwe Stad (Cidade Nova Belga)* durante muitos anos. Ultimamente tinha perdido a memória e, internada na casa onde tinha trabalhado durante muitos anos, era visitada pelos familiares, pelas voluntárias bem como pelas pessoas da comunidade. Partiu serenamente, acompanhada, na derradeira despedida, pelas pessoas da Obra e por muita gente que a conhecia.



*Maria Verhegge*

## Maria do Carmo Carmona e Costa Portela

*Gratos pelo seu exemplo*

No dia 26 de maio, com 90 anos de idade, a Maria do Carmo partiu para a casa do Pai. Foi uma das primeiras voluntárias da cidade do Porto. Era de uma família muito conhecida. O seu avô, António Óscar Carmona, foi Presidente da República, em Portugal, de 1926 a 1951.

Conheceu o Movimento dos Focolares num encontro de Palavra de Vida, no início dos anos '70. Na vocação da voluntária encontrou a sua plena realização de cristã, mulher e mãe. Foi apoio concreto e luminoso para muita gente, sem distinções. De uma grande hospitalidade, recebia todos muito simplesmente, deixando muito admirado quem vinha a saber que era neta do Presidente Carmona. Com uma cultura e inteligência fora do comum, o seu recolhimento na oração refletia a profundidade da sua relação com Jesus.

A doença avançou ao longo dos anos, limitando-a progressivamente. A Maria do Carmo foi um exemplo de aceitação das dificuldades e dos muitos sofrimentos, abraçando com confiança Jesus Abandonado. Raramente se lamentava. Estamos muito gratos pelo seu exemplo de total doação a Deus, pelo seu testemunho de amor.

*Teresa Guedes*

### Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Consuelo, mãe de Delia Pairetti**, focolarina na Cidade do México; **Hans, pai de Baerbel (Lea) Schiffmann**, focolarina na Áustria; **Paolina, mãe de Enzo Rizza**, focolarino na Catânia.

### MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Agosto de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



# "Será possível uma sociedade com valores?"

## MARIÁPOLIS NA MADEIRA

No Funchal, dias 11-12-13 de julho, viveram-se dias de Mariápolis com muita alegria!

Ao todo estiveram 85 pessoas, das quais 22 eram de idade gen3 e gen4.

Na sala, por toda a parte, estavam *boomerangs* de todos os tamanhos e cores, como símbolo do amor recíproco - que deve ir e voltar. Foi essa a dinâmica entre todos e por isso sentia-se que Jesus estava mesmo ali!

O título era: "Será possível uma sociedade com valores?" Foi um desafio e também o tema desenvolvido pelo pe. Bacelar, ilustrado por várias obras que já dão respostas concretas em vários campos da sociedade, no mundo inteiro: dar para ajudar vítimas de calamidades e pessoas carenciadas; diálogo com etnias discriminadas, combate organizado a males como a máfia, a droga e a violência; e a Economia de Comunhão. Talvez numa medida pequena, mas possível também a nós, no nosso dia-a-dia.

Muitos manifestaram surpresa pelo acolhimento e pelo clima de família que encontraram e construíram. Agora querem alargar esta família cada vez mais.

Na última tarde, quando iniciávamos a festa com todos, veio o Bispo, D. António Carrilho. Na sua saudação, incentivou-nos a construir a comunhão que nos caracteriza, para ir em missão.